

presença primeira, a do pai primevo, mas ele justamente não existe mais. É a ideia da morte do pai. O que destaca o mito é a falta do pai. AO mesmo tempo, claro, seu fantasma como presença de um gozo perdido às vezes bem inconveniente, mas sem além ou aquém da vida, do contrato social. O pai que estava lá antes é apenas um pai imaginário e mítico. Só podemos imaginar que havia algo, o gozo do pai que não está mais lá porque foi assassinado.

Por quê separar assim ausência e real? Por um lado, eu poderia dizer “porque Lacan fez isso”, por exemplo, quando separa o real da verdade – que sempre anda acompanhada de alguma negatividade, já que é sempre meiodita. Todo o trabalho feito por Miller no sentido de destacar um gozo não negativizável e cada vez mais tematizado na obra de Lacan demonstra isso. Lacan trabalhou muito em seus últimos seminários em direção a algo que desloca o real e o afasta da ideia de uma falta primeva.

Deste ponto de vista, do último ensino de Lacan, a castração não é o dado primeiro. É apenas uma negação do prazer, que justamente nos impede de acessá-lo. Mas essa negativização não deixa de ser agradável. A premissa da falta no real engendra a possibilidade do gozo fálico, como veremos.

Por hora, quero insistir que essa separação entre negatividade e real, leva a tomar o mito freudiano como um tipo de laço entre outros, formado em torno de uma ausência tida como real. É o vínculo neurótico, edipiano, não é todo e qualquer laço. Essa é outra maneira de apoiar a importância desse deslocamento da falta como real. Ela nos leva a operar em um mundo que já não é tão neurótico quanto antes. Cada vez menos acreditam que a ausência está no real, que o desejo é um dos nomes do real, cada vez há menos gente que tomam o nome do pai como crença universal. Há uma pluralização, uma tribalização do mundo. É outra maneira de dizer que estamos no tempo da evaporação do pai. Por tudo isso, é preciso questionar essa ideia de ausência, de um furo real.

Esta é minha introdução para nos fazer pensar um pouco mais psicóticos e menos neuróticos.

As propriedades de enlace do nó

O nó borromeano é a maneira encontrada por Lacan para realizar uma investigação e uma definição de nossa clínica que, entre outras coisas, explicitamente não pergunta nada ao Nome do Pai. É a sua “trilogia infernal”, como diz Lacan, que também diz que “o nó é essencialmente ateu”.

Muitas coisas poderiam ser pensadas a partir da topologia lacaniana dos nós. Levaremos em conta apenas o nó borromeano de quatro, no sentido de que tomaremos o nó borromeano de três, RSI sozinho, também, como uma figuração neurótica da experiência.

Lacan ao longo de todo seu ensino, nos convida a distinguir, nas situações clínicas da experiência freudiana, real, simbólico e imaginário. É uma ferramenta essencial. Mas no seminário RSI ele nos convida a pensar que a cada vez que tomamos as três dimensões como um dado, há sempre um quarto elemento que é esquecido, o próprio Lacan. Não foi ele que nos transmitiu essa ferramenta clínica? Quando se distinguem os registros com três letras, quem escreve as letras que nomeiam cada dimensão da experiência? Lacan as nomeou. No caso do desenho do nó, os três aros são idênticos. Por que o da direita seria o real, o da esquerda o imaginário e o outro o simbólico? Quem inventou de ali colocou os nomes, as letras ou as cores? Como diz Lacan, seu nome próprio é acrescentado ao nó de forma velada.

E ele não traz seu nome para ser o pai da criança. Como demonstra topologicamente, em um nó de quatro anéis esse quarto elemento se apresenta, se incluir no plano do nó, não fica de fora como Moisés em Canaã. O criador, o demiurgo desse ambiente lacaniano da experiência freudiana deixa de ser um fato de crença. Por isso RSI não basta. A invisibilidade do quarto elemento nos remeteria novamente ao pai. Aí se restabelece a suposta negatividade original, a

da busca de um primeiro sentido ou de um primeiro criador, que está sempre além. Acho que isso é bem conhecido.

Além disso, com essa descida à terra do quarto elemento é possível agora uma distinção posicional entre os três registros do nó no interior da experiência. Qual experiência? A de manipulação do nós, por um lado, mas igualmente a experiência analítica. O elemento que distingue e ordena a vida o discurso, a fala analisante passa a poder ser materializado nessa mesma fala. Não mais como ausência essencial.

É o que Lacan proporá como um desdobramento do simbólico. Entre significante e letra, diria eu. Passa, então, a ser possível materializar aquilo que sustenta e distingue os três registros da experiência, que distribui uma arquitetura invisível do discurso por exemplo, como letra e não mais como invisível ou obscuro gozo original. Claro que essa letra terá propriedades especiais. Varemos.

O quarto anel não apenas localiza o que faz a distinção entre RSI, mas ao mesmo tempo nos permite localizar as três propriedades fundamentais de cada um dos três registros da experiência: o furo, a consistência e a existência. Sem o quarto, essas propriedades estão presentes no nó, mas de forma variável entre os três anéis. Existem três propriedades do nó: existência, consistência e furo, e elas estão presentes quando os três anéis são amarrados. Mas você não consegue localizar onde cada um está sem o quarto.

Dessa forma, mudamos nossa maneira de pensar sobre as relações entre os registros, porque normalmente dizemos que a consistência é imaginária, a existência é real e o furo é simbólico. É uma forma de organizar o mundo, mas coloca tudo demais em seu devido lugar, enquanto na vida as coisas nem sempre são assim. Em vez de dar a cada anel uma qualidade específica, diremos que essas qualidades surgem das relações entre os anéis. Cada propriedade do nó será um registro e elas mudam de lugar ao longo da trança podendo ser desempenhadas por diferentes aros a cada vez.

Três propriedades para três modos de relacionamento. Propriedades nada mais são do que operações específicas de relacionamento. As três propriedades são relações ternárias, do nó (referindo-se ao texto de Miller, sobre ex-sistência, neste sentido).

Antes de retornar ao furo, quero abordar rapidamente as outras duas propriedades do nó.

A *consistência* do nó não é a imagem de uma totalidade. Não é nem o fato de que como objeto ele possa ter uma forma mais ou menos estável. Não é o imaginário no sentido do primeiro Lacan, é muito mais o fato de que a coisa "*ça tient ensemble*". Ela está amarrada, que o nó, no real, não se desfaz. Há um papel totalmente novo para o imaginário a partir do nó. Um "novo imaginário", como diz Lacan a certa altura, feito de "sacos e cordas". E essa noção de consistência como *ça tient* é tão importante que Lacan às vezes caracteriza cada um dos três registros como consistência, chamando RSI de três consistências.

Ex-istência, aqui, significa que sempre que houver dois haverá o real de uma terceira presença, absolutamente externa, mas fazendo absolutamente o elo entre os dois anéis. É preciso realizar a experiência de trançar, de fazer uma trança. Suponho que todos aqui já fizeram uma trança ao menos uma vez. Ninguém realmente atravessa outro. É apenas na trança, no encontro de três cordas que duas delas estabelecem uma relação, que depende de uma terceira, mas que ao mesmo tempo nada tem a ver com nenhum das outras duas em termos de mediação ou enlace direto. *Ex-istência*, neste sentido não é extimidade, pois não tem nada a ver com o que é mais interior ou mais exterior, ou entre o que é mais antigo e o que é mais novo. Extimidade é uma questão de dialética, *ex-istência* não. Existência é o status do que sustenta um relacionamento entre dois, mas não está presente em nenhum ponto do relacionamento entre os dois anéis que estão unidos. Ou seja, a existência, no plano do que enlaça os elos não tem sentido, pois o sentido que está localizado apenas no par de dois anéis (ligados pelo terceiro que não tem essência nessa relação, apenas *ex-istência*).

Perfurar

Voltando ao furo. No senso comum tendemos a definir um furo como um buraco em uma parede. Vejam que o furo é relativo à totalidade prévia da parede. Essa totalidade imaginada, anterior ao furo é o que o define. Nosso furo é outro porque em uma análise, no mundo virtual da memória pessoal, não há muitas coisas estáveis, não há essa totalidade fixa prévia a não ser suposta. E é exatamente por não contar com ela que as coisas podem mudar. Então teremos outra definição de furo.

Mas antes dela. Há outra definição de furo no senso comum. É exatamente a suposição de uma totalidade anterior a tudo só que sem forma, sem o imaginário. É o furo como buraco negro originário de Deus de que já falamos. Esse furo é muito mais móvel, mas a impotência em relação à sua realidade não muda, só é possível aceitá-la, aceitar que nunca saberemos o que somos como um todo, pois isso pertence a Deus.

Já um furo no nó pressupõe e afirma outras coisas. Do ponto de vista topológico, três: uma reta infinita, que atravessa um encontro entre dois aros e, finalmente, o fato de que essa reta é ao mesmo tempo o agente de um enlace. Vejamos cada uma.

Primeiro a reta. Um furo só é um furo se não for possível chegar a seu fundo. Essa é a ideia da reta infinita. Em outros termos, se não é possível conhecer o que há no fundo de uma caverna é que ela será uma verdadeira caverna. É a diferença entre a boca do paciente para o dentista e a boca do ser amado, no primeiro caso é um falso furo, no segundo sim, estamos diante do furo no sentido de Lacan. Vale o mesmo para as zonas erógenas como veremos. Ou seja, o furo é uma operação, não um dado. É um infinito em ação, quando uma consistência, um corpo, por exemplo, é perfurado, por exemplo por uma fala, que o atravessa sem que seja possível localizar onde.

Isso já indica a ideia de que o furo deve ser verificado no sentido que Lacan dá ao termo verificar na primeira sessão de seu Seminário 23.

Mas Lacan não para aí. Para que haja um furo, é necessária não apenas uma reta infinita, mas também uma superposição entre dois anéis que serão ambos atravessados pela reta infinita, que é como Lacan define no *Seminário 23* o que é um verdadeiro furo. Existe apenas um furo em uma relação ternária e não binária.

Para não ficarmos apenas na abstração, proponho pensar essas relações a partir da perspectiva do amor. Não é por acaso que em algum momento da história da humanidade uma flecha foi imaginada como instrumento do milagre do amor. Acrescentaremos apenas que o que o atravessa é a palavra do amor, esta é a flecha. A reta como o terceiro elemento que parece atravessar dois e os reúne, poderia ter como figuração paradigmática a flecha de Cupido. Não é isso? Vejam como é algo bem distinto da ideia corrente de duas metades da laranja que se reencontram como no mito de Aristófanes no Banquete. A flecha de cupido não se explica, é um fato, ou melhor, um ato de Eros. Nada pede a deus, tal como uma complementariedade natural, de macho e fêmea, por exemplo, ou de almas gêmeas. Por isso não apenas a reta é infinita como também ela atravessa uma superposição de aros. Em nenhum momento atravessa um ou outro, mas apenas o encontro dos dois e, assim, fazendo, instaura um furo entre os dois! É o que dá lugar à contingência do encontro e de um ato de enlace, do nada, que nada pede à ideia de que fomos feitos um para o outro.

Essa é a nossa ideia de como viver num furo. Será um furo ativo, porque é uma operação de perfuração. O furo é uma operação, não um dado.

Finalmente, um terceiro elemento topológico para definir o furo para o analista. A superposição de dois aros é atravessada pela reta, mas a reta não é exatamente uma reta. Ela é também outro aro, pois do ponto de vista topológico uma reta infinita pode ser entendida como um círculo, afinal uma formiga pode andar infinitamente em um círculo.

É somente porque existe a propriedade furo que a cadeia é mantida amarrada. Não é fácil entender intuitivamente, talvez ajude pensar, por exemplo, como é impossível amarrar duas cordas sem um furo, ou como é impossível pendurar uma rede sem um furo.

Assim, essa linha reta infinita forma um laço e não apenas solidão. São dois seres heterogêneos que estão ligados a um terceiro. Isso cria uma comunidade mínima. Um furo nesse sentido só existe em uma corrente. É o que virá encarnar agora o objeto “a”.

Objeto a

A figura conceitual que corresponde ao furo é o objeto a.

No mundo da neurose, no mundo do pai, do pai universal se preferirem, ou do universal patriarcal, neste campo, o objeto a é o resto e se encontra no fundo das zonas erógenas as quais por isso mesmo são furos. O objeto a não tem materialidade por isso, no fundo de um buraco o torna um verdadeiro furo porque infinitiza a busca pelo gozo que ele encerraria. O objeto a é o que estaria no furo, que seria encontrado como prazer. Como não consigo encontrá-lo, busco, desejo.

Foi o que Lacan desenhou em seu *Seminário 11*, com seu diagrama de zonas erógenas e que aplica a todas as zonas erógenas do corpo, aquelas que são sustentadas por orifícios anatômicos e aquelas que não são (já que uma cicatriz ou uma tatuagem geralmente são zonas erógenas). No fundo do furo estaria o gozo do objeto total. É um prazer impossível, ao qual dedico minha vida inteira. Como instituiu Freud, gozar com a mãe, com *das Ding* é impossível. Essa possibilidade causa angústia, não prazer já que isso desfaz a estrutura do desejo, da zona erógena. É o que encarna objeto “a” como resto quando o gozo que deveria estar negativado e no infinito, retorna e invade a cena.

Há, porém, um gozo possível. Entrar e sair um pouco é o gozo possível, gozo de borda, que mais tarde Lacan chamará de gozo fálico. Ele já supõe o Outro gozo, absoluto, mas este permanece em um exterior absoluto (sigo aqui os seis paradigmas do gozo delineados por Miller).

Com o nó as coisas mudam um pouco. Será possível localizar como se pode viver de outra maneira este gozo opaco, dito feminino, que agora não está mais fora da vida, fora do laço. Disse que o furo ficava “entre”. Cabe melhorar essa afirmação. Onde se localiza esse furo? Quando pode ser localizado, seu ponto de localização é chamado, com Lacan, de “a”, objeto a. O objeto a, como conceito do furo, ganha outro lugar, desenhado em “A Terceira”, como algo que só se localiza quando os três anéis são atados, Lacan o coloca, então, no *triskel*, o ponto de intersecção da trança, como se ele fosse coração do nó.

Na figuração de “A terceira” não há quarto elo, mas não poderíamos supor que o objeto a, aqui encarna esse quarto elemento que aproximamos da letra? A letra só se apresenta “verificada”, mas sempre esteve lá. As marcas fundamentais do desejo do Outro sobre nossos corpos, os pontos em que a linguagem percutiu o vivente e nele distribuiu traçados por onde corre o gozo agora não serão mais restos, mas litorais.

Não poderia nem tentar desenvolver isso tudo. Duas coisas heterogêneas unidas por algo que passa por ambas e as conecta? E o que as conecta não é nada recalcado, mas ao mesmo tempo é furo? É um tipo de lógica é muito original. Não creio que esteja muito presente nas propostas atuais de poliamor, de amor a três. Eu a buscaria mais no apólogo dos prisioneiros do *Tempo lógico...* de Lacan.

O ato e a OMO

Concluo apontando para o fato de que talvez seja apenas na clínica da psicose e dos relatos de passe que melhor possamos avançar com essas difíceis noções na prática. São situações em que a estrutura da zona erógena não está dada. Uma análise que vá em direção ao final, além

da travessia da fantasia, ou uma análise que comece de um ponto onde não há falta no real, como na psicose, em ambos os casos podemos estimar o que seria um furo atual, vivo, sem que haja recalque do objeto, sem que se tome o desejo e a nostalgia como fazendo parte do real.

Em ambos os casos, poderão nos ajudar a pensar como se comportaria esse o objeto no *triskel*. Caso seja uma letra, ele pode ser, no ensino de Lacan, tanto vazio, de sentido, quando presença, de um traço. O mesmo em uma análise conduzida até o ponto em que as determinações fundamentais de uma existência perdem todo sentido, mas não deixam de operar.

Pensei, neste sentido, em falar do passe de Marie-Hélène Blancard. Há muito claramente em sua história, de uma longa análise, todo um trabalho insano ao longo da vida em clarear, esclarecer.

limpando o nome de seu pai, que ela era uma bastarda, seu pai que não era conhecido por ser nazista ou não, toda uma história em torno disso. E há um trabalho louco desse prazer, de limpar o nome do pai o tempo todo. E por outro lado, embora existam também muitas outras linhas, mas por outro lado, há um derretimento, como a água, ela se liquefaz. A mãe estava desmaiando, desmaiando, e ela também. Como ter um corpo que não se liquefaz. Há o trabalho de limpeza E há esse corpo que se desfazia com uma alegria que se perdeu.

E no final ela acaba fazendo uma propaganda, Omo, que é um sabonete e o slogan diz “Omo, o sabonete que limpa mais branco que o branco”. Ela assinou com esse sonho, com essa propaganda, “o branco mais branco dos brancos”, ela faz uma escrita; a carta do seu gozo, digamos da sua iteração, um momento de esvaziamento de si, onde trabalhar para limpar o pai está ligado ao Omo. Há um furo neste nó, mas é um furo novo, não é o furo do “nunca poderei limpar o nome do meu pai”. É o furo do eu sou quem limpa, trabalhando duro, só para limpar, que caiu, eu trabalho sem parar para deixar as coisas claras e também sou eu quem pode desaparecer a qualquer momento. Com Omo, “o branco que limpa mais branco que o branco”, ele encontrou uma maneira de dizer que há um ato de escrever que cria um vínculo. Isso me parece uma cisão do simbólico que sempre esteve relacionado à mancha, ao preto, ao impuro. Outra coisa foi feita com o branco.

A questão é qual será o quarto elemento que fará com que haja apenas vazio ou prazer. E esta, pelo que entendi, será a letra. Se o quarto elemento se materializar, veremos como o objeto a é o prazer; se esse quarto elemento permanecer escuro, o objeto a será o desejo, o vazio. Falo apenas do caso em que há uma duplicação do simbólico, como indica Lacan no *Seminário 23*.

Há vários desdobramentos de nós. Podemos pensar em uma duplicação do imaginário. Existe toda uma tipologia de nós que são feitos, que nós fazemos. Há um nó disto, um nó disto, um nó daquilo outro. Proponho que trabalhemos com o desdobramento do simbólico. E esse desdobramento do simbólico na teoria lacaniana é chamado de letra ou marca. O significante e a marca. O significante e a letra. O significante no início sem matéria é um jogo e sua matéria concreta é a letra.

Se pensarmos no furo como um ato, é um ato de escrita. É outra maneira de dizer isso. É escrever como um ato. De forma mais simples, em uma análise, trata-se de encontrar a letra que faz um furo. Ou faça isso. Não se trata de encontrar a letra que sempre teve o furo, é assim que eu sou cheio de furos, é assim que pode ser na vida com os outros também.